

Palavras fortes



Por PRISCILA FIGUEIREDO*

Quatro poemas

A bandeja de Sylvia Plath

Como explicar que a mulher

antes de enfiar a cabeça na barriga do forno
deixasse ao lado dos filhinhos que dormiam no quarto uma
bandeja com um pouco de pão e de leite?

Não chequei nos autos, mas imagino
que quando acordaram este
não estava mais tépido
enquanto o gás,
breve, não mais letal, invadia a casa inteira, agora aberta
pois alguém já destravara a porta da cozinha —
ainda assim chegando tarde para salvar Sylvia,
que não queria mais ser Lady Lázaro.

Pouco tempo depois, enquanto um adulto consolava as crianças, outro
devia despejar as xícaras na pia, dizer consigo “que mulher demente”,
as fatias de pão indo para o lixo.

É quase certo então que não comeram nada, pois quando
acordaram tudo já estava há muito tempo velho,
como os alimentos apenas exibidos, mas incomestíveis, das vitrines.
Não perderia, porém, o frescor a imagem do gesto materno, objeto
entalado para sempre entre o ninho e a câmara de morte,
a bandeja retórica de uma artista que sabia:
ser mãe era impossível, ser acolhido mais ainda —
não se esquecessem disso a filha e o filho.
Educação mais desencantada não deve ter havido.

Eis que

A pedra era
muito dura, como sempre é
quando faz jus ao nome.
Era mais sólida que o meu,
que o seu caráter; mais
empedernida que as leis,
mais áspera que lixa, que o rico

costuma ser com o pobre.

Mas aí vieram eles, com aquela conversinha de água mole, o murmúrio infantil de um rio ligeiro e brincalhão...

Foi tão aos pouquinhas que quase esquecemos como era antes de tudo, assim como quando foi que a pedra deixou de ser pedra. Não há aniversário se a percepção não acusa uma ruptura estrondosa.

João sem braço

Bastou um olhar desfocado em sua direção e rápido, mas fora do tempo sem mover nada além da boca soltou quando já o deixava a frase de que eu sem saber escapava: "Ô tia, me dá um trocado?". Aproveitei meus passos já à frente e ignorei perfeito João sem bolso a interpelação ecoando num ponto atrás do meu trajeto onde estavam agora duas passantes (sob forma quase universal o pedido, ainda válido e audível, pôde alcançar o coração a que não se dirigia)

Três palavras fortes

A primeira é *esquadrão*:

onde quer que soe traz consigo a morte.

Canela parda, cotovelo escuro comburem dentro de *camburão*, urna, penumbra — desta nação.

Já *lixão* ressuma suco fétido, jumento moído, resto de marmita de alumínio, feto de mãe nenhuma.

***Priscila Figueiredo** é professora de literatura brasileira na USP. Autora, entre outros livros, de Mateus

a terra é redonda

(poemas) (*Bem te vi*).

O site A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[Clique aqui e veja como](#)

A Terra é Redonda